

A EDUCAÇÃO DO FUTURO: DESAFIO DO PRESENTE

Déa Terezinha Rímoli de Almeida*

Ieda Marques de Carvalho**

Marly Marinho Américo dos Reis***

Gilberto Dimenstein, em texto publicado na Folha de São Paulo, no dia 20 de outubro de 1996, p. 16, focaliza os avanços tecnológicos da comunicação em reportagem cuja manchete destaca que a *"perda de poder de jornalistas é boa notícia"* e esclarece, em seu detalhamento, que está cada vez mais difícil manipular informações, seja retardando sua divulgação, seja omitindo partes que levem ao entendimento de sua totalidade. Isto se deve à facilidade com que se folheiam páginas da rede de computadores ligados à Internet.

* Mestre em Educação pela Universidade Mackenzie-SP. Professora e Membro da Assessoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.

** Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco - UCDB. Professora e Chefe da Assessoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional da UCDB. Coordenadora do NEPPI/UCDB - Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas.

*** Especialista em Supervisão Escolar pela Universidade Católica de Minas Gerais. Membro da Assessoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional e do Programa de Avaliação Institucional da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.

As informações estão ao alcance de considerável número de pessoas, em qualquer parte do mundo, com rapidez jamais vista em toda a história da humanidade, o que implica na perda do poder dos jornalistas, que antes eram os seus detentores. A disseminação do conhecimento gera a democracia e à medida em que mais pessoas o detém, melhores condições têm elas para entender a realidade atual e propor alternativas para um futuro onde se viva mais e melhor.

Por tal razão, o jornalista precisa repensar sua atuação e propor medidas para que a imprensa seja *“cada vez mais independente, precisa, analítica e investigativa”*.

Esta é uma lição que pode muito bem ser aplicada à realidade da educação. O professor que, tradicionalmente, tem sido aquele que retém em seu poder as informações sobre o conhecimento, podendo forjá-las conforme os interesses predominantes, constata, com um misto de surpresa e insegurança, que os seus alicerces já não são tão firmes e ele precisa mudar, renovar-se e reestruturar-se para não ficar à deriva, para compartilhar a construção do futuro que se vislumbra.

Parcela considerável do alunado de hoje tem acesso à Internet, utilizando o computador como instrumento de pesquisa e disseminador de conhecimentos. As novas tecnologias captam e difundem informações, propiciando ao aluno participar com propriedade na disseminação do saber.

Faz-se necessário que o professor entenda e aceite a nova realidade com a qual se defronta. É impossível que entre ele e os seus alunos se mantenha uma relação de domínio e verticalidade.

Educar significa abertura para novas idéias, novas maneiras de ser, novas experiências e, sobretudo, educar para a mudança, para a aprendizagem contínua. É necessário que se revise a área de abrangência da educação devido à impossibilidade de se delimitar as fronteiras do conhecimento. Essa educação deve ter como princípio fundamental levar o homem à autonomia, educando-o para a liberdade individual e social. Isto se aplica às instituições educacionais, às famílias e a outros ambientes educativo-sociais. O homem moderno não é aquele que sabe, é o que está sabendo e, continuamente, renovando e reformulando o seu saber em oposição à educação até então oferecida, que tem apresentado características como: falta de originalidade, criatividade, ausência de pertinência social e falta de atualização científica, quase sempre baseada na memorização de um bloco limitado de informações.

As principais instituições educacionais, ao longo da história, privilegiaram o conhecimento lógico-matemático e o lingüístico e, dessa forma, alguns povos conseguiram um alto grau de racionalidade, de organização do real em níveis social, institucional, grupal, interpessoal e intrapessoal.

No nível intrapessoal, vem predominando a busca individual, isolada e intuitiva do conhecimento. No interpessoal, ao contrário, aprende-se melhor através da interação e da cooperação com outros.

Todos têm os mesmos instrumentos para chegar ao conhecimento, mas não com a mesma intensidade. Os caminhos para o conhecimento são vários, complementares e com peso diferente para cada pessoa.

Cada caminho para o conhecimento está interligado a outros cujas características conferem-lhes vantagens e desvantagens que precisam ser trabalhadas no processo ensino-aprendizagem.

Há que se desenvolver processos de comunicação ricos e interativos e cada vez mais profundos, abrindo as instituições educacionais ao mundo, à vida, criando ambientes atraentes, envolventes e multissensoriais.

A educação não é mais tarefa para uma só pessoa, mas para uma equipe multidisciplinar de professores que deve ajudar cada aluno a desenvolver seu potencial e a formar um ser humano completo, cujos conhecimentos e competências sejam acompanhados de educação do caráter, da ampliação da sua cultura e de sua responsabilidade como ser social.

A revolução da eletrônica exige a reformulação de referenciais. O mundo tem mudado a olhos vistos devido ao processo de globalização-movimento histórico cuja essência é o avanço da economia de mercado em todo planeta, quebrando barreiras institucionais, culturais e econômicas.

Tem-se falado que a “riqueza nacional” depende cada vez mais de “cérebros”, ou seja, de pessoas com formação acadêmica, capazes de dominar os complexos conhecimentos científicos e tecnológicos. Exige-se, para tanto, que a educação incorpore a formação geral e a especializada, não como mero adestramento técnico, mas como flexibilidade no comportamento produtivo, visto que a fixação da aprendizagem, hoje, está relacionada com a agilidade das informações.

No contexto atual, nega-se a setorialização especializada do conhecimento, mas se enfatiza a capacidade de articular vários níveis de saber, com visões amplas e criativas decorrentes de comportamentos de aceitação, comunicação e adaptação do novo.

Os profissionais ficarão fora do mercado de trabalho se não se adaptarem à nova ordem, às novas exigências e às novas formas de trabalho. São necessidades que cada aluno tem para compreender-se e situar-se de forma crítica em um mundo cada vez mais complexo e globalizado.

O aluno deve partir em busca de informações e aprimoramento pessoal de acordo com suas motivações e necessidades, sem limite de tempo e espaço. Deve, também, estar predisposto às novas informações e à interatividade, exigindo que os ambientes de estudo ofereçam opções de recursos inovadores de aprendizagem e se modifiquem para propiciar contatos com um número maior de pessoas.

A educação tem como tarefa o desafio da rapidez no aprender e na renovação do aprendido. **Deixa de ser o saber ensinar para ser o saber aprender.** Deve utilizar os recursos fornecidos pela Ciência e Técnica para que o conhecimento se torne a matéria-prima e o principal fator de produção e exercício da cidadania mediante a análise da realidade imediata, das relações sociais e de produção e da capacidade de aprender o significado da geração de processos e produtos. Os recursos tecnológicos devem simular ambientes de um mundo real; adaptar o aprendizado ao ritmo e necessidades individuais; reduzir a intimidação e os problemas de comportamento em sala de aula; proporcionar a interação e o acesso à diversidade de informações

e implementar a aprendizagem real. É preciso, também, que leve o aluno à compreensão da natureza e sua importância no equilíbrio auto-regulado, à percepção do que ocorre com a sua utilização por todos, ao uso de novas tecnologias e à necessidade de sua democratização.

Sob esta ótica, surge um novo perfil para o professor, que deve ser o assessor do aluno em sua orientação inicial, na busca de caminhos e estratégias formativas próprias; o estimulador da sua curiosidade para buscar o conhecimento, pesquisando e procurando a informação mais relevante; o coordenador dos resultados alcançados para contextualizá-los, adaptando-os à realidade do alunado. Assim, o professor transformará a informação em conhecimento e o conhecimento em saber que, em última instância, é “o conhecimento com ética”. Ele deve estar mais próximo do aluno, recebendo suas mensagens, esclarecendo-as e complementando-as; adaptando suas aulas ao ritmo individual; dirimindo dúvidas com outros colegas; reformulando seus programas; atualizando-se mediante educação continuada; compatibilizando a formação humanista com os novos meios da ação didática mediatizados pelos equipamentos tecnológicos modernos; criando um novo modelo para si mesmo a partir da descoberta **de quem é, o que quer e como cumprir seu papel** frente a uma sociedade com alta sinergia.

Em busca de novos paradigmas educacionais, intensifica-se a utilização da Educação à Distância, com novas tecnologias que, sob os reflexos do processo de globalização, vem oferecendo ao homem possibilidades de estudos e pesquisas, de romper as fronteiras do tempo e do espaço, de criar novos ambientes, modificando algumas dimensões da inter-relação com o mundo. Ela dina-

miza os programas educacionais, tornando-os flexíveis, acessíveis, interativos, logo, efetivos; além de proporcionar educação para todos a baixo custo, propiciando uma linguagem comum e universal e, sobretudo, provocando mudanças no modo de pensar e construir o conhecimento.

Em decorrência, diferentes valores emergem no contexto atual que se projetam na educação. O desenvolvimento das sociedades e indivíduos sinalizam a criação de uma nova ordem internacional. Tudo leva a crer que os bens fundamentais serão as **habilidades** de seus cidadãos em ampliar seus horizontes, em reciclar-se e adaptar-se às situações até então inusitadas.

A Universidade, atenta a essas transformações e aos novos valores sociais emergentes, vislumbra a possibilidade de inserir-se nesse contexto, apoiando a introdução de novas tecnologias, dentro de um projeto pedagógico institucional inovador e libertador, que não muda a relação pedagógica, apenas reforça-a dando-lhe uma visão progressista. As tecnologias educacionais possibilitam a ampliação da interação, facilitando a aprendizagem, processando o saber disponível e universalizando o acesso à renovação desse saber.

A Universidade, na medida em que cria diferentes dimensões de tempo e distância, muda o entendimento do que seja a ciência e a tecnologia, desmistificando-a.

Avançar na direção de um conhecimento integrado, que contemple o ser humano em sua totalidade, requer uma projeção criativa para o futuro da Educação à Distância – EAD, em termos de políticas que objetivem:

- a diversidade e amplitude de EAD, com base na inter-relação entre instituições governamentais e não-go-

vernamentais e na liberdade de oferta para atender à crescente demanda;

- a colaboração direta com o mundo do trabalho, mediante treinamento;
- educação superior aberta, rompendo com os dois condicionantes básicos das Universidades Brasileiras: o espaço e o tempo;
- o atendimento a alunos de regiões geograficamente distantes e distintas, ampliando e diversificando seus conhecimentos.

Assim, a EAD será agente disseminador de valores que contribuam para uma nova ordem social, na reconstituição dos caminhos da humanidade.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, João Roberto M. *Educação à distância no Brasil - síntese histórica e perspectivas*. Rio de Janeiro : Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, 1994.

MARANHÃO, Archimedes Peres. A pedagogia dos meios. *Informática educativa. ABT*, jan./abr. 1993.

NIQUINI, Débora. *Informática na educação: implicações didáticas-pedagógicas e construção do conhecimento*. Brasília : UnB/Universal, 1996.

SILVA, Lenilson Naveira. *A quarta onda*. Rio de Janeiro : Record, 1995.